

## CANUDOS

José Romero Araújo CARDOSO

A passagem da monarquia à república representou tão somente uma mudança de sistema de governo, preservando integralmente os contrastes estruturais herdados do antigo regime. O status quo manteve-se inalterado, onde o monopólio da terra e a base agroexportadora da economia brasileira constituíam-se, como no passado na essência do modelo de acumulação definido desde os primórdios da colonização.

A abolição da escravatura não representou solução de problemas sociais, e sim recrudescimento dos mesmos. A rígida e conservadora legislação pertinente ao acesso à terra, inviabilizou qualquer tentativa de enfatizar-se a justiça social no campo. Garantia-se dessa forma a perpetuação dos privilégios de uma minoria, cujos interesses eram referendados pelo Estado Monárquico e institucionalizado de forma mais explícita pela segunda fase da República, quando da adoção da "política dos Governadores", verdadeiro pacto de apoio mútuo entre governos Federal, Estadual e oligarquias locais.

A oposição à República ficou patenteada através das revoltas promovidas pela Marinha reduto aristocrático de monarquistas em sua alta oficialidade, bem como através da mobilização do caudilhismo no Brasil Meridional, na denominada Revolução Federalista. A idéia de que a contra-ofensiva do regime deposto ameaçava a República deu margem ao recrudescimento do autoritarismo dos militares, quando do afastamento do Marechal Deodoro da Fonseca e indisposição do seu vice-presidente Floriano Peixoto, em respeitar a Constituição de 1891 e convocar novas eleições.

Não eram poucas as pessoas que no final do século XIX reclamavam com insistências a "heresia" cometida pelo sistema instaurado em 1889. Sua Majestade, segundo a mentalidade de época no Brasil Republicano, tinha sido eleito por Deus para governar. A deposição significava provavelmente, sinal de que profecias apocalípticas se cumpririam em breve. Daí a necessidade de se construir o "paraíso terrestre" para esperar o retorno do messias.

Canudos representou o movimento messiânico brasileiro mais bem estruturado, onde foi construída uma sociedade alternativa radicalmente diferenciada das fronteiras que se estendiam além das serras que a circundam. O aldeamento do Belo Monte aglutinou ex-escravos, perseguidos, excluídos na opressão e na exploração sob a liderança carismática do beato Antônio Conselheiro, o qual por sua vez remanesceu de conflitos interfamiliares com profundos vínculos com a própria estrutura sócio-econômica que impulsionou o surgimento do "arraial rebelde".

A insurgência do Conselheiro contra instituições republicanas, como a tributação aviltante, desvinculação do Estado com a Igreja, casamento civil e secularização dos cemitérios, imprimiram-lhe perante as autoridades de diversas instâncias o estigma de monarquista convicto. Exemplo dessa postura encontramos no relatório do Frei João Evangelista do Monte Marciano, quando da missão preparada pela Diocese da Bahia em 1895 e encabeçada pelo referido religioso.

Respeitando as restrições impostas pelo código moral Conselheirista, como a estrita proibição ao uso de bebidas alcóolicas, bem como acatando a absoluta devoção ao Bom Jesus Conselheiro, qualquer família egressa de distantes paragens era bem-vinda a Canudos. O uso do solo era compartilhado de forma a pensar que o seu líder tinha conhecimento de teóricos do socialismo utópico, eliminando-se antigas relações de trabalho dominantes no campo.

'A intolerância da elite hegemônica quanto à fuga de mão-de-obra das fazendas sertanejas logo aliou-se ao descontentamento das autoridades republicanas quanto àquele exemplo de construção coletiva da realidade no sertão baiano. O estopim ao início das hostilidades em sua forma plena aconteceu quando uma carga de madeira não entregue no prazo combinado ficou retida na cidade de Juazeiro da Bahia. A fraqueza do magistrado local, pedindo reforços urgentes a Salvador, deu ênfase para que se começasse a tramar a destruição do arraial "insurgente".

Foi preciso mobilizar o país inteiro, tanto do ponto de vista bélico quanto ideológico. A idéia de que mais uma vez os monarquistas cerravam fileiras para desestabilizar o regime transformou Canudos em alvo da fúria do jacobinismo republicano. O objetivo maior da comunidade de Canudos, levar uma vida melhor do que levavam à sombra dos coronéis de baração e cutelo, não foi percebido na época, nem posteriormente. Euclides da Cunha quando cobria o conflito como enviado do jornal O Estado de São Paulo fez uma importante denúncia literária, mas não soube interpretar a razão da galhardia com que se portavam os guerrilheiros do Belo Monte. A resposta, simples por sinal,

encontramos na defesa do que haviam conseguido com o trabalho coletivo de seus membros. Quando do malogro da 3ª expedição, comandada pelo famigerado Coronel Antônio Moreira César - o famoso corta-cabeças, o treme-terras das degolas sulistas -, soldados famintos adentravam os casebres de taipa em busca de comida em abundância, transformando-se em alvos fáceis das tocaias dos Conselheiristas.

Canudos não se rendeu. Foi aniquilado implacavelmente pelo ódio que lhe devotava vinte batalhões organizados em vários Estados do Brasil. Sua sociedade utópica e milenarista não pode resistir ao assédio da 4ª expedição, reforçada nos últimos dias de resistência com o dobro de soldados. O espetáculo macabro patrocinado com ícones da República da Espada talvez tenha determinado a ordem capital de não deixar pedras sobre pedras, onde mais de vinte mil pessoas sonharam em edificar a "Canãa sertaneja"

Custa a crer que passado um século da eliminação da original experiência campesina não se tenha revertido o quadro social do país. Continuamos com a mesma estrutura fundiária e os mesmos princípios que nortearam a ação repressora do Estado na destruição do arraial de Canudos. Exemplo dessa postura verificamos quando a questão agrária é tratada, assim como no passado, como um caso de polícia, eliminando-se trabalhadores que ousam lutar pela posse da terra. Na atual conjuntura, correlaciona-se os ideais do Conselheiro com os de todos que buscam horizontes onde a justiça social favoreça aos que historicamente tem os seus direitos negados em favor da dominação vigente cujas modificações atestam-se apenas no plano da modernidade, nunca do efetivo desenvolvimento da sociedade como um todo.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- CUNHA, Euclides. **Os Sertões: Campanha de Canudos**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- GALVÃO, Valnice. **No Calor da Hora**. São Paulo: Ed. Ática, 1974.
- MUNIZ, Edmundo. **Canudos: A luta pela Terra** São Paulo: Global 1988.
- NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos**. 2ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.